

## EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, DEMOCRACIA E EMANCIPAÇÃO: AVANÇOS ALÉM DAS UTOPIAS



**Joaquim Azevedo**

Doutorado em Ciências da Educação e licenciado em História pela Universidade de Lisboa, Joaquim Azevedo é professor catedrático da Universidade Católica de Portugal, sendo responsável pela direção da Escola das Artes da mesma universidade. É atualmente presidente do Conselho de Administração da Fundação Manuel Leão. Foi Diretor-geral do Ministério da Educação daquele país, de 1988 a 1992, e Secretário de Estado da Educação (em 1992 e 1993). Criador do projeto “Trofa comunidade de aprendentes”, em desenvolvimento pela Universidade Católica Portuguesa, no município da Trofa, Joaquim Azevedo conta com várias obras publicadas, entre crônicas, artigos e livros, dentre os quais se destacam: “Que estratégia para o ensino tecnológico e profissional em Portugal?”. Lisboa: Sedes – Associação para o Desenvolvimento Económico Social, 2004; e “Sistema educativo mundial: ensaio sobre a regulação transnacional da educação”. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2007.  
E-mail: jazevedo@porto.ucp.pt.

*“Uma conversa franca e bastante reveladora sobre a educação para o trabalho no Brasil e no mundo”. Assim podemos definir a entrevista do ex-diretor geral do Ministério da Educação de Portugal, o catedrático Joaquim Azevedo, concedida ao brasileiro Ivan Luiz Ecco, diretor da Divisão de Educação Profissional do Senac Santa Catarina.*

*Tendo como mote o tema “educação para o trabalho, democracia e emancipação”, a conversa dos dois especialistas deixou claro que, utopias à parte, é possível pensar e praticar um novo olhar sobre a educação profissional. Joaquim Azevedo e Ivan Ecco trocam impressões sobre o papel emancipador da educação no mundo moderno. Discorrem sobre a falsa dicotomia “quantidade × qualidade” e sobre o desafio de uma formação plena para a cidadania.*

*“As pessoas que hoje são educadas para o trabalho são as mesmas que devem ser educadas para o exercício de uma vida digna, e essa vida não é apenas trabalho, mas desde logo é cidadania, é capacidade para pensar criticamente o mundo, os outros e a vida”, afirma o professor da Universidade Católica de Portugal.*

*Apesar de apresentar algumas iniciativas pedagógicas positivas adotadas em diferentes partes do mundo, o Professor Joaquim Azevedo não se propõe a apresentar fórmulas mágicas para a educação. Pelo contrário, destaca a importância do contexto nessas experiências inovadoras, aborda o papel do professor e da escola na resistência às práticas excludentes, e honestamente adverte: “As escolas ‘justas’ não são a panaceia para um mundo injusto”.*



**Ivan Luiz Ecco**

*Com mestrado em Administração pela Univali-SC, o especialista em computação, graduado em Ciências Contábeis, Ivan Luiz Ecco, iniciou sua trajetória na educação como professor do departamento de Computação da Univali em 1994. Após coordenar a área de informática do Senac Santa Catarina, assumiu em 1998 a diretoria da Faculdade de Tecnologia do Senac em Florianópolis. Desde 2008 é diretor da Divisão de Educação Profissional do Senac Santa Catarina.  
E-mail: ecco@sc.senac.br.*

**Ivan Luiz Ecco** – *Vivemos a turbulência de um mundo com a economia e as crises globalizadas. Aqui e ali, firmam-se movimentos sociais: como o movimento do tipo Ocupem Wall Street; movimentos estudantis dominando as ruas da Espanha, Inglaterra e Chile; levantes populares são convocados pela internet em países árabes. Tudo isso nos leva a uma ampla discussão sobre o conceito de democracia política, social, tecnológica e da indissociabilidade do direito à educação de outros direitos. Qual a sua opinião sobre esses conceitos e sua correlação com os acontecimentos no mundo?*

**Joaquim Azevedo** - Vivemos um tempo novo em que precisamos rever, profundamente, o tipo de democracia que praticamos, de fato e não apenas de direito, de dever e não apenas um direito adquirido, a chamada democracia real, a que realmente existe nas nossas ruas, bairros e cidades, não aquela sobre a qual se fala. Em termos culturais nada está adquirido para sempre, não há adquiridos históricos. A democracia não é um adquirido. Todo o cuidado civilizacional é pouco, pois em cada momento podemos repetir erros históricos fatais (como os que conduziram às duas Guerras Mundiais do século XX). O tempo que hoje vivemos aponta cada vez mais para o esgotamento de um tipo de democracia representativa ao qual já não chega contrapor a democracia participativa (não haverá outra!), mas a real democracia deliberativa. Para isso, muito se tem de mudar socialmente e ao longo de muito tempo! É claro que o direito à educação, como qualquer outro, só se deve considerar num quadro geral de direitos e de deveres, no quadro das políticas públicas de âmbito social. Considerar o direito à educação, numa dada comunidade, separadamente, per se, não faz qualquer sentido, ficará sempre um direito inalcançável. Os acontecimentos a que se refere são muito díspares e muito desconexos. Revelam insatisfação e até indignação. Isso é bom, é um começo, mas é muito pouco, na hora de colocar em ação mais justiça ou equidade, mais educação na nossa rua, bairro ou cidade. A indignação é apenas uma manifestação de disposições, pouco acrescenta no caminho a fazer. A indignação é apenas um traço típico da mesma pós-modernidade translúcida ou líquida, como diz Bauman, que se pretende criticar e pôr em causa...

**Ivan Luiz Ecco** - *Qual seria o papel da educação na construção de uma democracia completa (social, política, racial, econômica etc.)? Qual a relação*

*dessa construção com o conceito revisado de cidadania, considerando-se a atuação global do trabalhador?*

**Joaquim Azevedo** - A educação, pelo seu papel emancipador e de empowerment (empoderamento) de cada pessoa, desempenha sempre um papel crucial em qualquer comunidade humana. Ela constitui, a par de uma boa educação familiar, um esteio central para o exercício pleno da cidadania. Se eu não sei quem sou nem me revelo nos meus traços únicos e nas minhas potencialidades, como é que participo ativamente na construção da minha cidade? Se eu não domino a minha língua materna, como é que penso e como é que comunico? Se não conheço a minha história, como é que penso o futuro, pois sem passado não há prólogo, como dizia um historiador. E por aí fora... A educação continua a ser a principal fonte de revelação de cada pessoa e um importante cimento cultural e solidário, sem qualquer paralelo com qualquer outra política social.



*A educação continua a ser a principal fonte de revelação de cada pessoa e um importante cimento cultural e solidário, sem qualquer paralelo com qualquer outra política social.*



**Ivan Luiz Ecco** - *Durante muito tempo, o Brasil priorizou metas quantitativas para a educação, consideradas como sinônimo de democratização de acesso a unidades escolares. Hoje, já se fala em metas qualitativas e inovação educacional. O que há de novo e de qualidade na educação voltada à formação para a cidadania?*

**Joaquim Azevedo** - Essa divisão entre metas quantitativas e qualitativas em educação é porventura necessária, em termos históricos, mas é um pouco estranha. Só

avancamos em qualidade na educação tendo toda população escolarizada, e só temos toda a população escolarizada se a educação tiver realmente qualidade. A educação é de todos e para todos, é a de cada um e é para cada um. O acesso é muito importante e deve estar garantido, mas o acesso sem o sucesso é como convidar alguém para a festa e, na hora da dança, deixá-lo sentado e abandonado a um canto, a comer os restos.

O tema da democratização do acesso e o tema da criação de uma educação que proporcione o sucesso para todos, sobretudo os mais pobres, os que agora chegam também à educação escolar e a uma educação escolar cada vez mais longa, são temas que sempre que são conjugados em separado dão errado. As políticas públicas de educação que deram durante muito tempo muita atenção apenas à democratização do acesso acabaram por não

ter nem bons níveis de sucesso escolar, mas enormes caudais de insucesso e de abandono prematuro, nem grande capacidade para alcançar os seus objetivos ditos quantitativos, pois há uma parte da população que rejeita esse tipo de escola fabriqueira e rasca. O melhor, em educação, é colocar muita qualidade em qualquer quantidade. De outro modo, dará errado.

O caso de Portugal é um bom exemplo, mas há mais, em vizinhos europeus! Nem dá para primeiro cuidar da quantidade e depois da qualidade, quem diz isso está a enganar-se a si e aos outros. Em educação isso não dá, porque tudo o que se faz tem de ter qualidade; não falo da qualidade da educação escolar elitista, que era para meia dúzia, mas da educação escolar que é para todos, e essa só pode ter qualidade mesmo se for mesmo para todos e não servir, como a escola elitista, para deixar uns quantos fora e prosseguir o seu caminho! Qual caminho? Não será certamente o da educação de cada um e de todos e para cada um e para todos. Não é nada fácil, eu sei bem, mas em educação nada é fácil, mas é tudo sempre maravilhoso!

**Ivan Luiz Ecco** - *Moacyr Gadotti, do Instituto Paulo Freire, fala que é preciso “educar para o sonho”, “educar para esperança”. Porém como levar esse conceito para a formação para o trabalho? Como fazê-lo quando a expectativa da educação para o trabalho é, especialmente, a inserção do indivíduo no mundo competitivo?*

**Joaquim Azevedo** - Que outra educação se pode fazer para o trabalho que não deva ser uma educação para a esperança e para o sonho? Que outra forma existe de o ser humano se realizar que não através do trabalho, na amplitude das suas formulações possíveis? É que este modelo de trabalho e emprego, sujeito à acumulação capitalista e ao lucro como orientação dominante, é um modelo em declínio, anti-humano e adversário da solidariedade, podendo demorar mais ou menos tempo a desaparecer. As pessoas que hoje são educadas para o trabalho são as mesmas que devem ser educadas para o exercício de uma vida digna, e essa vida não é apenas trabalho, mas desde logo é cidadania, é capacidade para pensar criticamente o mundo, os outros e a vida, é ser próximo e acolhedor do outro, é fruição cultural e é criação, cada um a seu modo e tempo.

Claro que este mundo económico que grassa em nosso redor é muito competitivo, e a educação para o exercício de uma multiplicidade de papéis pessoais e profissionais e para o trabalho não pode deixar de ter em conta a economia que temos. Mas a educação para o trabalho deve ser sempre educação para a vida toda, mesmo que focada na preparação para um exercício profissional concreto (mecânico, contabilista, informático, engenheiro etc.). Mais do que educação técnica ou, melhor, tecnológica, é preciso

que a educação para o trabalho seja cada vez mais laborologia, ou seja, a compreensão do que é o trabalho hoje, a precariedade, o objetivo da empresa, a procura de um lugar no mercado de trabalho, a sua competitividade, a criação do seu próprio emprego, o que procurar com a atividade económica, o sentido das coisas que se fazem...É exatamente porque concordamos com uma educação para o trabalho que deixe de lado o sentido das coisas que depois as coisas no trabalho acabem por ter pouco sentido, mormente este mundo do trabalho que edificamos, sujeito meramente ao lucro e não ao homem, escravo do lucro e não dignidade para o homem. E uma educação para o trabalho concebida deste modo é perfeitamente viável, e é para aí que muitos países do mundo estão a caminhar, com consciência das limitações e do enorme caminho a percorrer.

*Que outra educação se pode fazer para o trabalho que não deva ser uma educação para a esperança e para o sonho? Que outra forma existe de o ser humano se realizar que não através do trabalho, na amplitude das suas formulações possíveis?*

**Ivan Luiz Ecco** - *Qual a sua opinião sobre a pedagogia das competências?*

**Joaquim Azevedo** - Não sou muito adepto desse ou de outro qualquer modelo vincado de pedagogia. Por que “de competências”? É importante definirmos sempre aonde queremos chegar, em termos educativos, em qualquer processo de educação. A pedagogia nos diz que o seu próprio e verdadeiro alcance é a dignidade de cada pessoa, na sua revelação única. O estabelecimento de perfis de competências não é erro, é uma tarefa, entre outras, desde que esse perfil não deixe de lado nenhuma parte do que é humano. Temos de voltar a juntar o que andamos a dispersar

e, em educação, voltar a reunir o que foi sendo profundamente separado, na nossa história recente, nos últimos dois séculos.

**Ivan Luiz Ecco** - *Qual experiência pedagógica o senhor destacaria como mais inovadora para a formação para o mundo do trabalho e da tecnologia?*

**Joaquim Azevedo** - Não existem experiências pedagógicas mais inovadoras sem perceberem os contextos, seja da experiência, seja do terreno, que é diferente do original, onde se quer que essas experiências germinem. Conheço muito boas iniciativas para melhorar a formação para o trabalho: nos países nórdicos da Europa, como a Noruega, são criadas amplas bases comuns sobre as quais os alunos de 16 anos podem vir a eleger uma área profissional; nas escolas profissionais de Portugal foi criada uma “Área de Integração” em todos os cursos profissionais (16-18 anos), em que saberes oriundos da Filosofia, da Geografia e da História são integrados numa “disciplina” que é obrigatória para todos os que se “preparam para o trabalho”; conheço as visitas de estudo sérias e frequentes aos locais de trabalho em que as escolas se situam, para os pensar em termos escolares e socioeducativos; conheço empresas e associações de empresas que cooperam com escolas para capacitarem melhor os profissionais que desejam via a ter...

**Ivan Luiz Ecco** - *Como resolver a esquizofrenia da educação de nível médio, especialmente no Brasil, onde transitamos entre a ênfase na propedêutica e na preparação técnica/tecnológica?*

**Joaquim Azevedo** - Esse balanço e essa dificuldade ocorrem em todo o mundo, não é só no Brasil. A matriz inicial do ensino médio é o liceu, o *lycée*, o *gymnasium*, o ensino geral dirigido a elites sociais. Depois veio o ensino técnico e profissional, para os filhos dos mais pobres, uma boa parte dos “novos chegados” ao ensino médio. E logo depois surgiu a necessidade de se fazer o balanço entre as partes, pois tudo leva a crer que se estão, por esta via de diferenciação, a estratificar relações sociais de desigualdade. Ora, a questão reside em saber como criar um ensino médio que escape a esta torpe função estratificadora (que sempre existirá e talvez seja agora transportada para o ensino superior) e ofereça oportunidades de orientação escolar e vocacional a todos os jovens, mesmo aos que já sabem o que

querem fazer, que é reproduzir o que os seus pais fazem (seja no mais alto seja no mais baixo da pirâmide!). Aí é que vale a pena investir tempo, conhecimento do mundo, pensamento, reflexão apurada e decisão, sempre em acompanhamento e correção contínua. A minha experiência me diz que o importante é que se crie um quadro muito flexível de orientação e educação, que pode ter pelo menos três partes:

- (i) um núcleo duro de aprendizagens, onde pontuam a língua materna e uma língua estrangeira e a filosofia e/ou a história, com acentuações diversas, conforme o que os jovens desejem fazer como percurso escolar (tipo Português A e B);
- (ii) um quadro mais aberto de outras oportunidades, onde também se podem realizar escolhas mais pré-formatadas, como para quem já sabe que quer ir para um dado curso superior ou para uma atividade profissional imediata (também com ofertas A e B, conforme a orientação que se segue);
- (iii) e uma área mais aberta, de experimentação pessoal, que é muito importante na hora de estruturar traves mestras sobre o mundo e a vida, sobre a cultura (e que pode ser mais ou menos extensa, conforme as opções de cada um, e que pode conter artes, expressões, oficinas várias, experiências de trabalho, filosofia, comércio, publicidade etc. ).

O importante é que qualquer percurso seja educativamente equiparável ao outro, com todas as consequências, em termos de equivalências, e que seja aberto sobre o futuro, permitindo interromper e retomar os estudos em qualquer momento. O mais importante é que o ensino médio não seja uma prisão, em que o jovem seja obrigado a arrastar uma bola de ferro atada aos pés, conforme a opção que faz aos 15 ou 16 anos! A escola

já é uma oportunidade educativa tão cheia de debilidades que, se a carregarmos ainda com mais espartilhos, a tornamos mesmo insuportável, sobretudo para a franja dos que não são da classe média, filhos de pais escolarizados, com casa com conforto e livros para ler... As acentuações de conteúdos do tipo A e B facilitam o acesso de todos a importantes componentes da formação humanista que importa nunca perder, pois perder as referências da história, das línguas, da filosofia, das artes é perder o essencial da nossa cultura

comum, qualquer que seja a atividade profissional e o trabalho de cada um no futuro.

**■**

*O mais importante é que o ensino médio não seja uma prisão, em que o jovem seja obrigado a arrastar uma bola de ferro atada aos pés*

● ● ●

**Ivan Luiz Ecco** - *Como fazer com que o professor rompa o círculo vicioso das práticas pedagógicas excludentes e antidemocráticas? A quem cabe promover essa mudança: à escola, ao governo (por meio de políticas públicas) ou é uma decisão individual?*

**Joaquim Azevedo** - A exclusão é antes de mais um dado institucional. O hábito faz o monge, dizemos nós. O contexto cria a mão, define a orientação. O problema não é do professor. É do contexto no qual o professor age, que o orienta num dado sentido e o alinha com um dado horizonte para o seu trabalho. Se a minha instituição escolar é excludente, dificilmente um professor poderá desenhar com sucesso práticas pedagógicas que ajudem à inclusão de todos, com qualidade para cada percurso de cada aluno. Se a minha instituição, ao contrário, procura por todos os meios esses percursos de qualidade para todos, então todos os professores são chamados a ter aí um papel de construtores desses percursos... Dito isto, acredito em políticas públicas que orientem a ação das instituições de educação e formação, acredito em instituições autônomas que trabalhem pedagogicamente com cada um dos seus alunos e acredito na capacidade de elas escolherem e capacitarem os seus docentes e formadores para estes se alinharem com a sua missão, visão e valores. Isso de “fazer com que o professor rompa o círculo vicioso” é como querer endireitar a sombra da vara torta. Ninguém endireita ninguém, ninguém endireita alguém que não queira se endireitar e que não seja induzido a isso e que, no dia a dia, não tenha oportunidades abertas para fazê-lo.

**Ivan Luiz Ecco** - *Em alguns artigos e entrevistas o senhor destaca a necessidade de aproximação das escolas com as comunidades locais. Qual a importância dessa aproximação e como fugir à reprodução de estereótipos na condução dessa relação entre educação e desenvolvimento social local?*

**Joaquim Azevedo** - A aproximação das escolas com as comunidades locais tem que a ver sobretudo com esse magno objetivo de se proporcionar uma boa educação a todas as crianças e jovens. Não é viável alcançar este objetivo sem envolver as famílias, as instituições locais, o poder autárquico, as associações culturais e quaisquer outras, ou seja, todos são poucos para ajudar a criar percursos educativos de qualidade para cada um e para todos. As escolas que trabalham com esse objectivo bem claro em mente sabem bem que a cooperação de todos é fundamental. Não haverá mais e melhor educação sem o compromisso social concreto de muitas entidades e pessoas de cada comunidade local. O desenvolvimento social de qualquer comunidade é antes de mais nada um desenvolvimento sustentado numa educação de qualidade, com significância e com base no pleno desenvolvimento pessoal. As escolas e os centros de formação agem de

*Por vezes somos muito infantis nas nossas abordagens políticas da educação, esperando que uma pequena parcela da sociedade mude o todo.*

modo muito isolado, e depois...deixam cair uma parte dos seus alunos porque não aprendem, porque não são assíduos, porque não são disciplinados, porque não estudam, porque têm de trabalhar ao lado dos pais, porque...

Há imensos álbis para quem não tem clara a sua missão institucional e para quem não se bate, em cada comunidade, pela educação de todos, sem exceção, nem que se tenha, institucionalmente, de fazer o pino!<sup>1</sup> Não se trata de copiar a comunidade, trata-se de envolver toda a comunidade num dado projeto de superior interesse comum: a educação de cada criança e jovem e de todos eles, sem exceção. Ora, isso é algo que puxa para cima, que não deixa ficar uma dada comunidade colada ao chão das desigualdades sociais e da indiferença diante delas (que é pior ainda!).

**Ivan Luiz Ecco** - *Considerando-se as práticas mundiais de Educação Profissional, podemos afirmar que ela está formando um trabalhador emancipado? Ou estamos falando de algo utópico?*

**Joaquim Azevedo** - Não, estamos ainda muito longe de conseguir tal objetivo. E por uma razão simples: a nossa sociedade, em termos políticos, não está muito interessada em fomentar tal tipo de trabalhador. Veja as empresas, milhões de empresas por todo o mundo! O que querem e o que promovem todos os dias não é esse tipo de trabalhador. Então, por que razão deveria a escola ser o único automóvel a andar ao contrário na autoestrada? Por vezes somos muito infantis nas nossas abordagens políticas da educação, esperando que uma pequena parcela da sociedade mude o todo. Ainda por cima a escola, essa instituição tão “debilmente articulada” e tão frágil na sua missão emancipadora. O ensino profissional tem de continuar a melhorar, e na linha do que disse acima: indo ao encontro dos interesses de cada aluno, motivando-o e conciliando uma boa formação sociocultural com

<sup>1</sup> “Fazer o pino” é expressão portuguesa que indica “ficar de pernas para o ar”, “virar de ponta à cabeça”.

um direcionamento para um exercício profissional concreto. Não se trata de fazer a “quadratura do círculo”, é algo que está nas mãos das instituições de educação. Dito isto, é claro que uma escola que tenha como horizonte a formação de um trabalhador autônomo, competente, criativo e solidário tudo deve fazer para realizar esse seu objetivo, qualquer que seja o contexto onde se insere. Mais uma vez, o foco institucional é crucial, o que nos alerta para o papel também nuclear dos diretores e das equipes de direção das escolas, para a formação contínua dos professores em cada instituição etc.

**Ivan Luiz Ecco** - *Como conciliar a necessidade de trabalhadores preparados para ocupar empregos mais qualificados, devido ao avanço tecnológico, e o aumento mundial de empregos não qualificados, principalmente nos segmentos de serviços? É possível elevar o nível dos empregos no mercado de serviços?*

**Joaquim Azevedo** - Aí está, para “elevar o nível dos empregos no mercado dos serviços” as escolas podem fazer algo, mas pouco, se o mercado dos serviços não estiver a mudar ele mesmo, fruto de outras dinâmicas sociais complementares. Contará com a contribuição das escolas, sem dúvida, mas com uma pequena contribuição em face do gigantismo dos mercados e da internacionalização dos mercados dos serviços. Não nos podemos

armar em dom quixotes, a entrar pelo mercado dos serviços dentro, de espada em riste, com o peito cheio de diplomados que nunca foram desejados! Podemos, isso sim, e essa será a nossa contribuição sociocultural como instituições de educação, educar bem os nossos jovens e qualificá-los competentemente para um tipo de serviço profissional competente e mais autônomo, criativo e solidário. As escolas “justas” não são a panaceia para um mundo injusto. Se colocarmos os objetivos das instituições de educação fora do alcance de uma concretização socialmente digna, estamos condenando os jovens a um limbo profissional que não existe e as escolas a uma difícil sobrevivência, a cair em frustração atrás de frustração e a desistir de qualquer desígnio sociocultural elevado! E, desse modo, não haverá projeto institucional que resista a tantos desastres, nem profissionais que se encontrem profissionalmente comprometidos e alinhados com um horizonte social de justiça e solidariedade nas nossas instituições educativas. Precisamos crescer na consciência da realidade que nos cerca, andamos a crescer em desconhecimento da realidade, de tal modo somos influenciados pelos media e não pelos nossos pés, olhos e mãos, temos de “subir” à realidade que realmente nos cerca, com sede de acolher o outro e de gestos solidários!